. Em busca de si mesmo. São Paulo: Agir, 1984.
HOMEM, Catarina. A ludoterapia e a importância do brincar: reflexões de uma educadora de infância. Cadernos de Educação de Infância n.º 88, Dez/2009.
HUIZINGA, Joan. Homo ludens. São Paulo: Perspectiva, 1993. KLEIN, Melanie. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
PEREIRA, Eugenio Tadeu. Brincar e criança. In: CARVALHO, Alisson et al (Orgs.).
Brincar(es). Belo Horizonte: UFMG, 2009.
SILVA, Sueli Dias. Da ludoterapia não-diretiva à ludoterapia centrada na pessoa; reflexões: à luz da prática clínica e do desenvolvimento da abordagem centrada na pessoa. São Paulo: Instituto Sedes Sapiense, 1995.
WINNICOTT, Donald. A criança e o seu mundo. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
. O brincar & a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
. Pensando sobre crianças. Porto Alegre: Artes Médicas, 2005.

EDUCAÇÃO INFANTIL E INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS: USANDO O LÚDICO NO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA

MARLEI VALVERDE DE OLIVEIRA

RESUMO
A Educação Infantil visa o desenvolvimento integral da criança. Para chegar a esse objetivo, é preciso saber o que seria um ser humano desenvolvido de forma integral. Por isso, vamos recorrer às ideias de Howard Gardner sobre as inteligências múltiplas. São oito inteligências, como a linguística e a interpessoal. Sabendo das potencialidades dos seres humanos em relação às diferentes inteligências, o docente deve refletir sobre qual é a melhor maneira de aprimorar e estimular o uso dessas inteligências. O presente artigo irá mostrar como a ludicidade, a capacidade de brincar, pode ser utilizada para desenvolver as inteligências múltiplas da criança, considerando que elas devem ser acionadas para o desenvolvimento integral da criança, objetivo da Educação Infantil. Serão aprofundadas as inteligências linguística, interpessoal e intrapessoal, mostrando atividades que podem ser desenvolvidas na Educação Infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil; Inteligências Múltiplas; Ludicidade.

INTRODUÇÃO

Um dos objetivos da Educação Infantil é o desenvolvimento integral da criança, ou seja, observa-se a criança de forma global, em todas as suas potencialidades. Para chegar a esse objetivo, é preciso saber o que seria um ser humano desenvolvido de forma integral. Por isso, vamos recorrer às ideias de Howard Gardner (1995) sobre as inteligências múltiplas.
Enquanto a inteligência foi, por muito tempo, identificada com o raciocínio, gerando a redução da inteligência ao teste do Quociente Intelectual (Q.I.), Gardner (1995) modificou o conceito de inteligência: não é, propriamente a capacidade de raciocinar, mas a capacidade de resolver problemas e criar bens culturais. Gardner (1995) teve essa ideia ao observar alguns tipos de lesões cerebrais, que causavam incapacidade em áreas específicas, relacionadas a algum campo de inteligência. Por exemplo, a afasia é uma lesão que causa problema na fala, na inteligência verbal.

Observando isso, Gardner (1995) chega ao conceito de inteligências múltiplas. O ser humano possui as seguintes inteligências: a citada verbal, responsável pelo domínio da linguagem oral e escrita; a lógico-matemática, aquela apontada pelos exames de Q.I.; a musical, aquela que permite compreender e produzir sons de forma expressiva; a espacial, responsável pela visualidade do espaço; a corporal-cinestésica, responsável pela movimentação do corpo; a interpessoal, que aponta para a capacidade de um ser humano se relacionar com o outro e compreender os sentimentos alheios; a intrapessoal, que aponta para a capacidade de conhecer a si mesmo e a natural, capacidade de observar a natureza e classificar os fenômenos naturais, bichos e plantas.
Considerando que a Educação Infantil procura desenvolver a criança em sua integralidade, pode-se conceber que esse desenvolvimento global deve ser o aprimoramento dessas inteligências. Isso não implica em uma divisão estanque entre as inteligências. Por exemplo, para que haja inteligência cinestésico-corporal, é preciso que haja também inteligência espacial, ou seja, a movimentação depende da percepção do espaço. Na vocalização de uma poesia, é preciso captar o ritmo do poema, ou seja, é preciso que a inteligência musical contribua na realização da produção daquele bem cultural, qual seja, a leitura expressiva de um poema.
Sabendo das potencialidades dos seres humanos

em relação às diferentes inteligências, o docente deve refletir sobre qual é a melhor maneira de aprimorar e estimular o uso dessas inteligências. Entre as propostas que podem surgir, deve-se lembrar de uma das principais características da criança: a ludicidade.
Qualquer adulto que já observou uma criança percebe a capacidade da criança de imaginar e brincar. Diversos teóricos propõem que essa capacidade é uma espécie de preparação para a vida adulta: a criança imita aquilo que vê e desenvolve habilidades que serão utilizadas na vida adulta.
Desse modo, o presente artigo irá mostrar como a ludicidade, a capacidade de brincar, pode ser utilizada para desenvolver as inteligências

múltiplas da criança, considerando que elas devem ser acionadas para o desenvolvimento integral da criança, objetivo da Educação Infantil.
A metodologia adotada no artigo é o de revisão bibliográfica. A partir das considerações dos teóricos sobre o que seja as inteligências múltiplas, a integralidade na educação e a ludicidade, será feita uma proposta para repensar as atividades desenvolvidas na Educação Infantil.
Considerando o objetivo de refletir sobre as atividades da Educação Infantil à luz dos conceitos de inteligências múltiplas, integralidade e ludicidade, o artigo será dividido em três partes.
Na primeira, será feito um aprofundamento do que seja inteligência múltipla e como ela está relacionada ao desenvolvimento integral da criança e à ludicidade. Como as inteligências são diversas, o artigo centra-se em algumas, a saber, a verbal e as pessoais, intrapessoal e interpessoal.
Na segunda parte do artigo, será mostrado como a inteligência verbal pode ser desenvolvida a partir do lúdico. Também serão mostradas relações com as outras inteligências que não poderão ser aprofundadas no presentes artigo.
Na terceira parte, serão apresentadas as inteligências pessoais, as quais também serão desenvolvidas utilizando o aspecto lúdico das crianças. As inteligências pessoas envolvem também outras inteligências e isso será demonstrado no artigo.
A intersecção desses conceitos, inteligências múltiplas, integralidade e ludicidade, pode formar uma base segura para que os docentes da Educação Infantil planejem as suas atividades e é isso que o presente artigo pretende mostrar.

4. Integralidade, inteligências múltiplas e ludicidade

Para compreender o que é a integralidade na Educação Infantil, é preciso, primeiro, observar como ela está posta nos objetivos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB):

A educação infantil, primeira etapa da educação básica tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996).

Desse modo, a integralidade envolve o desenvolvimento de diferentes áreas da vida da criança: físico, psicológico, intelectual e social. Ou seja, um ser humano integral é aquele que desenvolveu as suas potencialidades físicas, psicológicas, intelectuais e sociais. A educação integral deve, portanto, observar essas diferentes áreas da criança a fim de desenvolvê-la completamente como um ser humano.
As inteligências múltiplas podem ajudar o docente a desenvolver essas áreas que são pressupostas à educação integral. Correlacionando cada uma dessas áreas, poderíamos dividi-las da seguinte maneira: físico, envolvendo as inteligências cinestésico-corporal e espacial; psicológico, envolvendo as inteligências intrapessoal, musical e linguística; intelectual, envolvendo a inteligência lógico-matemática, e social, inteligências interpessoal e linguística.
O aspecto físico, que envolve o corpo, utiliza a inteligência cinestésica- corporal. Essa inteligência é “responsável pelo controle dos movimentos corporais, criando representações possíveis de serem executadas pelo corpo, em espaços e situações diversas” (BRENNAND & VASCONCELOS, 2005, p. 31). Porém, para que ocorra o uso adequado dessa inteligência, é preciso que o sujeito também tenha uma boa inteligência espacial: “a capacidade de visualizar, de representar graficamente ideias visuais ou espaciais e de orientar-se apropriadamente em uma matriz espacial” (ARMSTRONG, 2001, p.14). Ou seja, para que ocorra o movimento corporal, é preciso ter uma noção do espaço na qual aquele corpo se movimenta.
A área psicológica depende de um conhecimento dos próprios sentimentos e a discernimento deles:

o conhecimento dos aspectos internos de uma pessoa: o acesso ao sentimento da própria vida, à gama das próprias emoções, à capacidade de discriminar essas emoções e eventualmente rotulá-las e utilizá-las como uma maneira de entender e orientar o próprio comportamento. A pessoa com boa inteligência intrapessoal possui um modelo viável e efetivo de si mesma. Uma vez que esta inteligência é a mais privada, ela requer a evidência a partir da linguagem, da música ou de alguma forma mais

expressiva de inteligência para que o observador a perceba funcionando (GARDNER, 1995, p. 28).

Ou seja, a inteligência intrapessoal depende de outras inteligências para que possa ser completamente aplicada a si mesma; sem conseguir nomear ou captar a expressão de um determinado sentimento. Por isso, a inteligência intrapessoal depende do desenvolvimento da inteligência linguística, capacidade de verbalizar de forma oral ou escrita as sensações, raciocínios e sentimentos, e da inteligência musical, que desenvolve "numa interação ambiental (natural e social) que atinge as emoções, tanto do indivíduo que compõe ou executa a música, quanto de qualquer ser vivo que a escuta" (BRENNAND & VASCONCELOS, 2005, p.31). A inteligência espacial, enquanto expressão do que é visto, pode também contribuir no desenvolvimento da inteligência intrapessoal.
A área intelectual depende do uso da inteligência lógico-matemática, capaz de realizar os raciocínios, e da inteligência linguística, para verbalizar os raciocínios. Já a área social depende de compreender e comunicar-se com os outros, ou seja, da inteligência interpessoal: "capacidade de discriminar muitos tipos diferentes de sinais interpessoais; e a capacidade de responder efetivamente a estes sinais de uma maneira pragmática" (ARMSTRONG, 2001, p.14). Para desenvolver todas essas áreas e inteligências, a Educação Infantil deve explorar a principal característica da criança: a ludicidade.
Observando uma das definições para brincadeira, é possível observar que todas as inteligências podem ser desenvolvidas com isso:
O efeito educativo da brincadeira infantil, na qual as crianças se sentem ligadas por toda uma rede de regras complexas ao mesmo tempo aprendem a subordinar-se a regras a essas regras como a subordinar a elas o comportamento das outras e a agir nos limites rigorosos traçados pelas condições da brincadeira. (VIGOSTSKI, 1998, p.263).

Nessa definição, é possível distinguir o uso de todas as inteligências: a linguística, na combinação de regras e interação entre os participantes; espacial, para a observação dos outros participantes e do que está ocorrendo; interpessoal, para a interação entre os jogadores, intrapessoal, para o autocontrole no momento do jogo, lógico-matemática, para raciocinar sobre as jogadas, a corporal, para o controle dos movimentos do corpo na brincadeira, e a musical, se houver o uso de elementos sonoros como nas brincadeiras cantadas.
Considerando que a educação integral desenvolve várias áreas, estimulando as múltiplas inteligências do ser humano, e que a ludicidade pode ser o motor desse desenvolvimento, nas próximas partes do artigo serão exploradas algumas dessas inteligências múltiplas, mostrando como brincadeiras podem ser usadas para isso na Educação Infantil.

5. Inteligência linguística e ludicidade

A inteligência linguística envolve a capacidade da utilização da linguagem, seja oral ou escrita.
o dom da linguagem é universal, e seu desenvolvimento nas crianças é surpreendentemente constante em todas as culturas. Mesmo nas populações surdas, em que uma linguagem manual de sinais não é explicitamente ensinada, as crianças frequentemente "inventam" sua própria linguagem manual e a utilizam secretamente. Dessa forma, nós vemos como uma inteligência pode operar independentemente de uma específica modalidade de input ou de um canal de output. (ARMSTRONG, 1995, p.25).

É possível ver essa inteligência mais desenvolvida em escritores e pessoas que utilizam a linguagem oral de forma expressiva, como palestrantes. Como o artigo trata da Educação Infantil, o foco será a linguagem oral e a conscientização dos sons da língua, o que poderá ser a base da alfabetização na etapa posterior da vida escolar.
A oralidade depende da capacidade de estar consciente dos sons que utilizamos na linguagem; a criança copia o adulto de forma inconsciente e vai desenvolvendo a sua capacidade de fonação. Porém, a escrita dependerá da consciência sonora, pois a criança deverá ser capaz de corresponder as letras a determinados sons. Se o desenvolvimento da linguagem é natural, o sistema alfabético de notação do som depende da conscientização dos sons emitidos pelo falante, ou seja, a modalidade escrita é mais reflexiva.
Utilizando a característica lúdica das crianças, um bom jeito de desenvolver a consciência fonológica delas é utilizando gêneros verbais que explorem a sonoridade das palavras. Um desses gêneros são as brincadeiras cantadas: "as brincadeiras tradicionais ou inventadas comprovam o gosto natural (das crianças) pelos ritmos, pela musicalidade, pelas repetições" (MACHADO, 1996, p. 43).
Ao analisar uma simples brincadeira cantada como a seguinte:

Pirulito que bate bate, pirulito que já bateu

Quem gosta de mim é ela, quem gosta dela sou eu

Pirulito que bate-bate, pirulito que já bateu
A menina que eu amava, ela desfloresceu

Observa-se que essa brincadeira mostra a oposição entre as palavras bilabiais orais /-p/ e /-b/, sendo que a diferença entre um e outro fonema bilabial oral é o vozeamento: /-p/ é surdo e /-b/ é vozeado. Sendo assim, as brincadeiras tradicionais desenvolvem a consciência fonológica da criança. A consciência fonológica melhora não só a linguagem oral como desenvolve a base da escrita, que depende da distinção entre os fonemas, uma noção bem abstrata para as crianças.
As rodas combinam tanto a possibilidade de melhorar a inteligência, como a linguística quanto possibilitam o aproveitamento do lúdico:
Brincando de roda a criança exercita o raciocínio e a memória estimula o gosto pelo canto e desenvolve naturalmente os músculos ao ritmo das danças ingênuas. As artes da Poesia, da música e da dança uniram-se nos brinquedos de rodas infantis realizando a síntese magníficas de elementos imprescindíveis à educação escolar (MELO, 1985, p. 165)

Como foi citado anteriormente no artigo, o desenvolvimento das inteligências múltiplas são, normalmente, combinados. Portanto, em uma roda com brincadeiras cantadas, há o desenvolvimento de diversas inteligências, além da linguística, já citada; inteligência musical, ao acompanhar o ritmo e a melodia das canções; a inteligência cinestésico-corporal, pois a movimentação do corpo conforme o ritmo é parte da brincadeira; a interpessoal, pois é preciso sincronizar as ações na brincadeira conforme as ações dos outros. Assim, a roda de brincadeira cantada ajuda no desenvolvimento integral da criança, um dos objetivos da Educação Infantil.
Outro gênero verbal que ajuda no desenvolvimento da consciência fonológica são as parlendas. A parlenda também explora a repetição de fonemas como a parlenda abaixo:

No morro chato
Tem uma moça chata
Com um tacho chato na cabeça.
Moça chata, esse tacho chato é seu? (PRIETO, 2005, p. 26)

Novamente, esse gênero contribui com a consciência fonológica ao estabelecer o reforço dos fonemas, como o /x/, representado nessa parlenda pelas letras ch.
Se a inteligência linguística melhora com os jogos e brincadeiras, veremos que as inteligências pessoais também se desenvolvem com o uso da ludicidade.

6. Inteligências pessoais e ludicidade

As chamadas inteligências pessoais são divididas entre inteligência intrapessoal e interpessoal. A inteligência interpessoal

está baseada numa capacidade nuclear de perceber distinções entre os outros; em especial, contrastes em seus estados de ânimo, temperamentos, motivações e intenções. Em formas mais avançadas, esta inteligência permite que um adulto experiente perceba as intenções e desejos de outras pessoas, mesmo que elas os escondam (GARDNER, 1995, p. 27)

Já a inteligência intrapessoal é

o conhecimento dos aspectos internos de uma pessoa: o acesso ao sentimento da própria vida, à gama das próprias emoções, à capacidade de discriminar essas emoções e eventualmente rotulá-las e utilizá-las como uma maneira de entender e orientar o próprio comportamento. A pessoa com boa inteligência intrapessoal possui um modelo viável e efetivo de si mesma. Uma vez que esta inteligência é a mais privada, ela requer a evidência a partir da linguagem, da música ou de alguma forma mais expressiva de inteligência para que o observador a perceba funcionando (GARDNER, 1995, p. 28).

Hoje, as inteligências pessoais estão bem valorizadas nas chamadas competências socioemocionais. Por exemplo, a chamada capacidade de empatia depende do reconhecimento dos sentimentos do outro e agir conforme o reconhecimento desse sentimento, ou seja, a empatia depende da inteligência interpessoal. Outra competência valorizada pelos estudos socioemocionais é o autocontrole, capacidade de controlar as próprias ações e respostas emocionais em determinados ambientes. O autocontrole depende, portanto, da inteligência intrapessoal.
Há diversas formas de desenvolver as inteligências pessoais, porém, como a criança ainda depende de aspectos mais concretos da experiência para aprender, não desenvolveu bastante o pensamento abstrato, serão propostos jogos que envolvam materiais concretos ou regras bem visíveis para o desenvolvimento dessas inteligências.
Muito mais importante que conhecer jogos e, eventualmente, mobilizar um grupo de alunos para se empenharem em sua execução, é saber usá-los para os propósitos de uma sensibilização emocional. Considerando esse aspecto, julgamos importante realçar que todo jogo emocional deve ser proposto sem em dois atos, ou dois momentos diferentes. Costumamos denominar esses momentos de “maquete” e de “garimpagem”. (...) (A) “maquete”

de atos e eventos que coloca o ser humano em permanente desafio consigo mesmo e com os outros (...) A maquete, entretanto, não propicia "descobertas" e não estimula a reflexão. Deve, assim, ser seguida pela garimpagem, momento de discussão sobre o primeiro ato" (ANTUNES, 2014, p. 244).

Desse modo, é possível planejar os jogos para desenvolver as inteligências pessoais em dois momentos: um que crie a relação interpessoal, visando a conexão dos alunos em alguma tarefa, e outro intrapessoal, quando o aluno reflete sobre os sentimentos que ocorreram.
Uma das atividades é oferecer às crianças fotos de diversas revistas. Primeiro, as crianças classificariam as pessoas com critérios que elas escolhessem, como beleza ou mesmo parecer bondosa. Nesse momento, o professor pode fazer observações em relações a preconceitos ou pré- julgamentos que surgissem.
Em um segundo momento, os alunos mostrariam as fotos e falariam porque classificaram daquela maneira as fotos. O professor deve fazer perguntas que façam os alunos refletirem, caso apareça falas ou atitudes preconceituosas, como classificar só pessoas magras como bonitas, por exemplo. Após a reflexão em comum, o momento da garimpagem será reclassificar as fotos. Nesse momento, o aluno terá a oportunidade de, com sua inteligência intrapessoal, refazer as suas opiniões.
Para o desenvolvimento das inteligências pessoais, com as crianças, portanto, é preciso que haja três elementos: materiais concretos, como as fotos; momento de "maquete", onde é feita uma ação, e momento de "garimpagem", reflexão sobre aquela ação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Infantil objetiva o desenvolvimento integral da criança, ou seja, a criança é observada de forma global, em todas as suas potencialidades. As ideias de Howard Gardner (1995) sobre as inteligências múltiplas serviram como modelo para que o artigo propusesse atividades que levassem à educação integral.
O ser humano possui as seguintes inteligências: a citada verbal, responsável pelo domínio da linguagem oral e escrita; a lógico-matemática, aquela apontada pelos exames de Q.I.; a musical, aquela que permite compreender e produzir sons de forma expressiva; a espacial, responsável pela visualidade do espaço; a corporal-cinestésica, responsável pela movimentação do corpo; a interpessoal, que aponta para a capacidade de um ser humano se relacionar com o outro e compreender os sentimentos alheios; a intrapessoal, que aponta para a capacidade de conhecer a si mesmo e a natural, capacidade de observar a natureza e classificar os fenômenos naturais, bichos e plantas.
No artigo, foram aprofundadas as inteligências linguísticas e pessoais (intrapessoal e interpessoal). Sabendo das potencialidades dos seres humanos em relação às diferentes inteligências, o docente deve refletir sobre qual é a melhor maneira de aprimorar e estimular o uso dessas inteligências. Considerando que é próprio da criança o brincar, a ludicidade serve para desenvolver as inteligências.
Considerando que a educação integral desenvolve várias áreas, estimulando as múltiplas inteligências do ser humano, e que a ludicidade pode ser o motor desse desenvolvimento, o artigo mostrou como desenvolver a inteligência linguística a partir das brincadeiras cantadas e das parlendas.
O artigo apontou que há diversas formas de desenvolver as inteligências pessoais. Para o desenvolvimento das inteligências pessoais, com as crianças, é preciso que haja três elementos: materiais concretos, como fotos; momento de "maquete", onde é feito um planejamento e uma ação, e momento de "garimpagem", reflexão sobre aquela ação.

A Educação Infantil, em seu objetivo de desenvolver a criança de forma integral, obtém um modelo de observação na teoria das inteligências múltiplas. Combinada à ludicidade, a teoria das inteligências múltiplas ajuda o docente a desenvolver melhor os seus alunos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências. São Paulo: Vozes, 2014.
ARMSTRONG, T. Inteligências Múltiplas na sala de aula. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96). 1996.
BRENNAND, E. G. G. e VASCONCELOS, G. C. O Conceito de potencial múltiplo da inteligência de Howard Gardner para pensar dispositivos pedagógicos multimidiáticos. Ciências & Cognição; Ano 02, Vol. 05, 2005, p.19-35. Disponível em <www.cienciasecognicao.org>. Acesso em: 24/09/2020.
GARDNER, H. Inteligências Múltiplas: A Teoria na Prática. São Paulo: Penso, 1995.
MACHADO, M. Z. V. Cadê a poesia que estava aqui? Intermédio – Cadernos Ceale. Literatura Infantil na escola: leitores e textos em construção, vol. II, 1996.
MELO, V. Folclore Infantil. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, 1985.
PRIETO, H. O jogo da parlenda. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2005.
VYGOTSKY, L. S. A Formação Social da Mente. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda., 1998.